

Tannina

Entre Escrevivências e Poesias

empoderamento ancestralidade

mulher negra

escrevivência

voz política

poesia

negritude

afetividade

amor reverência

liberdade



Carla Brito



empoderamento ancestralidade
mulher negra
escrevivência
voz política
poesia negritude
afetividade
amor reverência
liberdade



Copyright © 2021 – Carla Brito

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a expressa autorização.

Imagem da capa e ilustrações do livro

Valéria Maria Paes Coelho

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Kalil

Produção Executiva

Rafaela Mustafa

Coordenação

Adriano Santana

Produção Editorial

Carolina Dantas

Revisão

Elba Coelho

Direitos desta edição reservados à Pinaúna Ideias Integradas Ltda.

(71) 98680-1048 • www.pinaunaeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B862t	Brito, Carla
	Taunina: entre escrevivências e poesias / Carla Brito. - Camaçari, BA : Pinaúna Editora, 2021. 96 p. : il. : 15cmx 21cm.
	Inclui índice. ISBN: 978-65-86319-15-6
	1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Mulher. 4. Identidade. 5. Cultura negra. 6. Escrevivências. I. Título.
2021-604	CDD 869.1 CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

Taurina

Entre Escrevivências e Poesias

Carla Brito



Dedicatória

Dedico este livro àquelas pessoas que vieram antes de mim e lutaram de alguma forma. Hoje eu posso sonhar e tornar meus sonhos matéria por conta delas. Dedico àquelas pessoas que virão depois de mim e que serão abraçadas de algum modo pela leitura deste livro. Dedico àquelas pessoas contemporâneas a mim que me inspiram, e espero que eu possa inspirá-las também, de alguma forma. Dedico a cada pessoa, que um dia usou um instante de sua vida para me incentivar, fortalecer, me amar e estimar, nem que fosse por meio de um abraço, em uma tempestade.

Epigrafe

*“[...] A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.”*

Conceição Evaristo

Prefácio

Inicio este prefácio registrando a alegria e a emoção que me acompanha neste momento. O convite para escrevê-lo chega como honraria ancestral que presenteia e celebra o encontro dos nossos caminhos: os meus com os de Carla e com os de quem deste livro se fizer leitora e leitor.

Taunina carrega no nome e no texto a grandeza dos astros. Grandeza que é tempo. Tempo que é esperança. Esperança que gesta e pari sonhos. O livro nos convida a mergulhar numa experiência de tempo onde presente e passado conversam e tecem futuro. Através da coragem de Carla Brito, de assumir-se como porta-voz de si mesma e tomar-se como solo fértil para escrever a própria história, Taunina amorosamente nos convida a encontrar as múltiplas vozes, lágrimas e gargalhadas que compõe o texto e que comparecerão durante a leitura. Dito isto, ousou afirmar que não é possível passar pelo livro sem ser afetada(o) pela energia que rege os signos de leão e de touro. Estas compondo a sinergia Taunina nos envolve numa atmosfera marcada pela firmeza e coragem de aprender a amar a si mesmo.

A escrita de Carla é uma escrita com o próprio corpo. Ela escreve por inteira, com suas dores, amores, alegrias e sonhos. Faz da sua existência palavra-texto e nos oferece um livro com escritografias de movimentos de um corpo no mundo. Como a mesma diz Taunina “é a manifestação da sua força através de sua escrita”. Por isso, à você que tem este livro em mãos, recomendo permitir-se um

encontro genuíno com o mesmo; recomendo tomá-lo não como um objeto de leitura, mas como um sujeito cujo encontro (diálogo a partir da leitura) possibilita a afirmação da humanidade de quem o escreveu e de quem o ler.

Por fim, afirmo que Taunina nos inspira a amarrar o arado da vida a uma estrela e fazer dos campos da vida semeadura e colheita de amor-coragem e sonhos, tal como canta Gilberto Gil: *“Se os campos cultivados neste mundo / São duros demais / E os solos assolados pela guerra / Não produzem a paz / Amarra o teu arado a uma estrela / E aí tu serás / O lavrador louco dos astros / O camponês solto nos céus / E quanto mais longe da terra / Tanto mais longe de Deus (...) Amarra o teu arado a uma estrela / E os tempos darão / Safras e safras de sonhos / Quilos e quilos de amor”*.

Deane Barbosa de Jesus

Intelectual Negra, Psicóloga e Pesquisadora.

Introdução

Taunina nasceu conforme o zodíaco: taurina (sol) e leonina (ascendente). *Taunina: entre Escrevivências e Poesias* é um livro de atravessamentos de uma vida inteira que traz abordagens atuais, inclusive, acerca da pandemia da Covid-19, que passeia por vivências do passado, e reverencia minhas ancestrais.

Muitas pessoas irão identificar os textos como contos, crônicas e poesias. Mas, na verdade, não sei qual o limite em que um acaba e o outro se inicia. Minha maior preocupação nunca foi saber o gênero do que estava escrevendo, pois minha emergência sempre foi o conteúdo, o qual, antes de se tornar palavras, habitava em mim através da tríade sentimento-pensamento-comportamento. Possivelmente eu faça parte da nova geração de artistas que, segundo Grada Kilomba, “o elemento de não saber como classificar um trabalho é muito relevante para as novas gerações de artistas, que criam novas linguagens, mais híbridas”.

Taunina: entre Escrevivências e Poesias é a autodescoberta de uma mulher negra, é a afirmação do seu lugar de fala, é o empoderamento e a manifestação da sua força através da escrita. É o entendimento de palavra e conhecimento como poder. Uma obra com identidade, que fala para todas as idades e que é a oportunidade de reverberar essa vivência para outros lugares.

Transbordando minhas leituras e vivências, eu entendi que as minhas palavras precisavam desabrochar e circular, me entendi como escreviente, referência que vem do conceito de Conceição Evaristo,

que parte do lugar de mulheres negras falando sobre suas realidades. É uma forma de escrita que narra a vivência, existência e a própria resistência. Minhas escritas também deságuam em poesias, mais precisamente, em poesias intuitivas, sem muito apego às técnicas e, sim, ao momento, entendo, a partir de Ryane Leão, que “intuições são suas ancestrais soprando nos seus ouvidos segredos de sobrevivência.” Eis que me entendo artista. Entendo-me mulher negra quebrando barreiras, trocando com outras mulheres, potencializando escrita, criando espaços e expandindo vozes a partir da minha primeira publicação.

Eu, por muito tempo, achei que os detentores de conhecimento eram homens brancos e europeus. Por muitas vezes, percebi me referindo ao masculino a quem escreveu certa obra quando, na verdade, era uma mulher. Como uma mulher negra, faço questão de marcar meu lugar social, pois quem escreve tem cara, cor, corpo, voz e vida. A escrita é presente desde sempre em minha vida. Na adolescência a tinha como refúgio e, com o passar dos anos, fui refinando e buscando conhecer mais as autoras que lia, para não ficar apenas no padrão homem branco europeu. Eu acredito, assim como Emicida, que “foram as palavras que salvaram milhares de vidas. São as palavras que conectam milhares de histórias.”

Diante dessa resistência em escritos, resolvi seguir um padrão feminino na linguagem desse livro, pois, na língua portuguesa, quando se têm muitas pessoas diferentes em um mesmo contexto, as palavras são flexionadas para o gênero masculino, por exemplo: “muitos de nós”, “todos vocês”. Mas a língua muda conforme a época e as necessidades políticas, desse modo, os verbos presentes nesse livro estarão no feminino quando o contexto for o mesmo do exemplo inicial, pois, eu como mulher, escrevo, sobretudo, para outras mulheres, em especial, as negras. Apesar disso, eu não excludo a multi e pluralidade de todas as

peças que podem percorrer a cada página desse livro, pelo contrário, a diversidade sempre me atraiu e espero que meu livro tenha esse magnetismo de juntar diferentes pessoas em um mesmo local: *Taunina: entre Escrevivências e Poesias*.

Taunina: entre Escrevivências e Poesias foi dividido em seis seções, as quais são iniciadas com as ilustrações. Na primeira, eu falo mais sobre o meu processo de desenvolvimento sendo uma mulher negra, ou melhor, tornando-me uma, como também a presença das intersecções sociais: mulher, negra e gorda. Na segunda, apresento algumas histórias de amores que não foram tão amorosas assim, mas que renderam aprendizados, risos e, acima de tudo, fortalecimento do eu mulher. Na terceira parte, trago reflexões existenciais sobre meu processo de autoconhecimento e da relação mútua entre a maturação do meu eu com influências externas. Na quarta, apresento reflexões que trazem uma linguagem ainda mais próxima das leitoras, dialogando diretamente com elas. Na quinta seção, eu apresento inquietações, pensamentos, angústias, sobre o contexto da pandemia, evento que tem me atravessado de forma bastante intensa. Na última parte, finalizo o livro voltando ao passado, como forma de reverenciá-lo, de agradecer a quem veio antes de mim e que continua exercendo influência na minha vida. Aqui, exalto a ancestralidade.

Por fim, escrevo, sobretudo, para tirar de mim e lançar ao universo. Escrever é um ato político, de existência e resistência, talvez seja por isso que me identifico tanto com a escrevivência. Tenham uma ótima leitura!

Agradecimentos

Eu poderia tecer elogios a vários nomes explicitamente, mas tenho medo de esquecer e ser injusta. Mas quem é, sabe. Às duas pessoas que me colocaram nesse mundo, minha gratidão: minha mãe, Edvalda Brito, e meu pai, Carlos Alberto. Eu sou porque nós somos. Em tempestades ou bonanças vocês estiveram nessa caminhada aprendendo a ser minha mãe e meu pai, e eu aprendendo a ser sua filha. Não tem sido tarefa fácil. Mas estamos conseguindo!

Sumário

PREENCHA TODOS OS MEUS BURACOS	19
TORNAR-SE NEGRA	23
A DISTORÇÃO	27
MAIS UMA HISTÓRIA DE AMOR OU QUASE ISSO - PARTE 1	31
AS TRÊS DA TARDE	35
MAIS UMA HISTÓRIA DE AMOR OU QUASE ISSO - PARTE 2	38
VOCÊ FOI COVARDE E EU FUI LIVRE	43
SOU ERRADA, SOU ERRANTE E CICATRIZADA	46
TORNEI-ME UM LINDO KINTSUGI	49
EU FLOR-DE-MIM	51
NÃO ME CABE FICAR EM LUGARES QUE NÃO ME CABEM	53
AS CICATRIZES DA MULHER SELVAGEM	55
COMPLEMENTARIDADE	57
OS OLHOS NÃO SÃO SÓ A JANELA DA ALMA	61
NÃO CORTE A SUA JUBA	64

ÀS VEZES A VIDA É UM POTE DE AÇÚCAR OU UMA
COLHER AÇUCARADA 66

SINTO UM VAZIO. VOCÊ TAMBÉM SENTE? 68

EU NÃO QUERO VOLTAR AO NORMAL 72

TELA FRIA 74

A IMPORTÂNCIA DE ROMANTIZAR O CUIDADO E O DESCANSO 75

NÃO VAMOS RECUAR, NEM UM PASSO ATRÁS 78

MEMÓRIA ANCESTRAL 81

CARTA PARA AS PRETAS VELHAS 82

SOBRE RESISTÊNCIA, REVERÊNCIA, CUIDADO E AMOR 84

UMA REVERÊNCIA ÀS MINHAS ANCESTRAIS
E UM CHAMAMENTO ÀS AMIGAS PRETAS 87

PARA NÃO ME ESQUECER DE ONDE EU VIM,
ANTES MESMO DE EU NASCER 90



88

Preencha Todos os Meus Buracos

“Preencha todos os meus buracos”, eu escutei essa frase no filme *Ninfomaníaca* (2013) e, meses depois, consegui sentir o real significado dela. Não que eu não houvesse entendido que a personagem se referia para além da sua estrutura física; porém, sabe quando você entende, mas não sente? Foi isso que aconteceu comigo. E, nesse momento, estou tendo consciência de mim. Com os olhos marejados, percebo que eu busco incessantemente que preencham os meus buracos, por meio de coisas e de pessoas. Não é estranho? Se são meus, por que os outros é que devem fazer isso? Talvez porque eles não tenham surgido sozinhos.

Noto que a vida toda foi assim, eu tentando me preencher de diversas formas: por meio da comida, do apego, da tristeza, do amor. Desde cedo fui muito romântica, idealizando um amor correspondido nos moldes dos filmes. Via um menino bonitinho e já me encantava, ficava imaginando como seria se ele me notasse. Sempre me senti invisível aos olhos de muitas pessoas, em especial, daquelas que eu tinha interesse amoroso. E acabava me sentindo rejeitada pela falta de reciprocidade. Talvez seja por isso que a presença dela seja tão fundamental em qualquer tipo de relação para mim, hoje em dia.

Tannina

Há muitos elementos que desde sempre me atravessam, desde estruturas sociais às psíquicas. Fui uma criança que não se encaixava nos padrões, então atitudes discriminatórias, sobretudo, a gordofobia e o racismo, se fizeram presentes desde cedo. Me olhava no espelho e queria ter aparências distintas da que realmente tinha. Pois a minha não estava relacionada ao que era bonito, importante, bom. Queria ser qualquer pessoa, menos eu mesma.

Me olhava no espelho e queria ter um nariz mais fino, lábios menos carnudos, cabelo escorrido e, por isso, fazia escorrer por minha cabeça toalhas, camisolas, ou qualquer tipo de pano que trazia a impressão de cabelos lisos e longos. “Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças...”. Nem cabelo liso, nem nariz fino, nem magra, nem branca. Aliás, surpreendentemente, eu tinha orgulho de minha cor, costumava falar que eu poderia mantê-la melaninando minha pele, talvez porque eu não fosse preta demais, já que era a tal da morena.

20

A criança preta e gorda, acordava já se olhando no espelho na esperança da barriga estar menor, esperando milagrosamente um acontecimento de acordar sendo magra. A que fugia dos ideais de todos os meninos, embora, não “comia reggae” - quando lhe chamavam de gorda, *Free Willy*¹, baleia fora d’água e tantas outras ofensas -, já tentava preencher seus buracos de diversas formas, sendo combativa na presença de quem a ofendia ou devorando a comida que visse pela frente em outro momento.

Eu sabia diferenciar quando me chamavam de gorda de forma carinhosa ou de quando a intenção era me ofender, minha mãe é testemunha disso. Eu sabia que o problema não eram as palavras crumentamente. Gorda, eu sabia que era, baleia, não, apesar de ser um animal

¹ É um filme de 1993, dirigido por Simon Wincer, que apresenta a relação de amizade entre um garoto, Jesse, e uma baleia, Willy, que vive em cativeiro.

extremamente lindo. Os tiros verbais que me atingiam traziam uma carga de exclusão, aversão e raiva a quem eu era, um corpo lido como não pertencente àqueles grupos, àqueles espaços.

Um corpo que não estava na televisão e protagonizava os filmes. Mas, mesmo assim, um corpo que resistia e, sempre que podia, se inscrevia para os desfiles de moda ou para papéis de destaque em alguma apresentação da escola, como, por exemplo, uma vez quando tentei uma vaga na agência de modelos mirins da cidade. Desde cedo, tentando subverter espaços que diziam que não eram para mim, mesmo que a negação não fosse consciente (como acontece na maioria das vezes). Desse modo, eu comecei a lutar com a parte interna da cabeça. Se eu não era bonita o suficiente, que fosse estudiosa, pois o conhecimento era algo que não podiam tirar de mim. E, assim, aconteceu².

No entanto, os fantasmas não foram embora, eles só mudaram a maquiagem. Na adolescência, emagreci um pouco e tentei me tornar mais atraente alisando os cabelos. Era um movimento mútuo que vinha de fora e de dentro. Mas por que emagrecer era a solução? Por que alisar o cabelo me tornava mais bonita? Foram mecanismos que encontrei para me encaixar de alguma forma (depois de certo tempo, soube que não era apenas eu que fazia isso), já que ser diferente não era uma alternativa, ser eu mesma não era uma possibilidade e eu tinha que ter aprovação alheia para existir: desde aquele garoto bonito (geralmente branco) que eu desconhecia qualquer coisa da vida, a quem me viu dar os primeiros passos.

Mas, apesar de tanto esforço para me tornar objeto de desejo do outro e cada vez menos quem eu era, algo mudou, o brilho e a

² Além de estudiosa, sou inteligente, linda, tenho consciência política, de raça e de classe e não voto em fascistas.

alegria da criança foram desaparecendo um pouco na mesma medida que o comportamento combativo. Entrei no meu mundo particular e ainda não saí dele completamente, talvez eu nunca saia, e nem sei se é necessário. O mais importante é conseguir enxergar as possibilidades que existem para fora de mim.

[Volto a esse texto em 2021 e vejo que não vivo mais somente no meu mundo particular, mas o visito com frequência, não mais como forma de me isolar do mundo opressivo que me cerca, e, sim, para me recolher e voltar mais forte].



Tornar-se Negra

Me descobriram,
expectativas foram criadas
Nasci, me registraram como parda

Cresço um pouco,
na TV e nas bonecas não era representada
Não me reconheciam,
nem eu me reconhecia como preta
Afinal, parda é como estou registrada
E assim diziam:
“Ah, negra tu não é, você é morena,
olhe só, seu cabelo nem ruim é”

A criança gorda e preta,
Tornou-se a jovem preta e alisada
Tentando se encaixar no padrão das capas,
com a autoestima abalada,
cheia de traumas

Nos rolês, sempre fui a última a ser olhada,
milagre era ser beijada
Nem acreditava quando era cobiçada

Achava que tudo isso era só comigo,
até perceber que esse lance é historicizado
Esse lance que muitas dizem que não existe
“Ah, o Brasil é miscigenado”
Mas, na disputa por uma vaga de emprego,
entre branco e preto
O branco é o contratado

24

Esse lance que arrastou
nossas ancestrais para a morte
acorrentadas,
humilhadas,
escravizadas,
desumanizadas,
contando com a divina sorte
Esse lance é o racismo estrutural

Impediu-me de me tornar negra por muito tempo,
até chegar na universidade
E nem por isso os fantasmas do passado
foram derrotados

Cê acha que ficar empoderada é fácil?

Que eu me olhei no espelho,

minha pele brilhou

e meus traumas sumiram?

Todo dia é uma luta diferente,

com a sociedade,

com a família,

com o espelho,

para perceber que eu posso ser,

a dona da porra toda

Por mais difícil que possa parecer

Sou dona do meu corpo,

da minha vida,

da minha voz ,

dos meus sonhos,

Sonhos postos em xeque pelos outros,

por isso, tenho que lapidá-los como ouro

senão me roubam

Roubam

Meus sonhos, meus sonhos

Minha voz, minha vez

Meu copo, meu corpo

Meu luto, minha luta

Minha humanidade, minha dignidade
Minha estima, minha vida

Dizem que tudo isso é vitimismo
A solidão da mulher preta é um abismo,
no mínimo, somos atravessadas
Pelo racismo e machismo

Vista a minha pele,
vista a minha história,
vista os meus traumas,
vista as minhas memórias,
Pra um dia, talvez,
você saber isso o que te digo
sobre que não é vitimismo
o racismo.

88

A Distância

Se olhe no espelho, o que você enxerga? Qual a cor dos seus olhos e a profundidade deles? Qual o tom da sua pele e o que ela te diz? Você se vê mais claro do que é ou mais escuro? Se enxerga no tom exato? Você coloca filtro nas fotos e vídeos por que sua pele fica perfeita e o tom mais claro?

Aqui inicio o meu retorno a uma lembrança. Recordo-me da conversa que tive com a... Suzana! Vou chamá-la assim. Ela é empregada doméstica de uma tia.

27

Por volta de meus 15 anos, eu estava passando férias na casa dessa tia e, dentre as conversas que eu e a Suzana tivemos, uma me chamou bastante atenção.

O carnaval se aproximava, então começamos a falar sobre a festa. Ela contava sobre as experiências, incluindo as vezes que viu pessoas famosas. Eu, empolgada, querendo saber como eram essas pessoas de perto, já que não frequentava o carnaval há muitos anos, desde pequenina com meus pais.

Suzana comentou de uma famosa dizendo:

- Ela é branquinha... (ficou analisando ao que ou a quem comparar)

E concluiu:

Tannina

- ... assim que nem eu (apontando com o dedo indicador para a pele do seu antebraço).

Eu fiquei alguns segundos assimilando a informação e incomodada, mas não sabia exatamente porque estava sentindo aquilo, só respondi:

- Ah, entendi...

Tinha algo de errado. Primeiro, porque pela TV a atriz era, realmente, branca. Segundo, a Suzana tem o tom de pele muito semelhante ao meu. E eu? Naquela época eu transitava entre o ser parda, morena e negra. Mais morena do que negra, menos negra do que parda. Porém, jamais branca (apesar de que era o ideal que meu ego buscava). Preferia ser chamada e me considerar parda do que negra, até porque é assim que se encontra na minha certidão de nascimento.

28 As palavras negro/preto simbolizam tudo o que não presta. Então, como alguém teria orgulho de ser chamada assim? Infelizmente, não somente eu vivi isso, até porque vivemos em um país cujo racismo é estrutural, apesar de aos poucos estar mudando. Quantos “ela é branquinha assim que nem eu” você já falou, pensou ou escutou? Hoje, me peguei pensando nessa situação que denuncia a distorção de nossa identificação racial, que é mais um reflexo do racismo. Preferimos todas as possibilidades mais distantes àquela que nos leva a nós mesmas.

Nesse caminho de distorção, esquiva, negação, identificação e aceitação, muitas pessoas não chegam ou chegaram ao fim. Algumas abriram passagem para esse trajeto ficar menos árduo. Hoje, uma minoria está ultrapassando a linha de chegada e auxiliando os seus que encontram mais dificuldade.

Desejo que um dia, qualquer pessoa se olhe no espelho, identifique a raça a qual pertence e reconheça seus privilégios ou a ausência

deles. Desejo que um dia não escutemos mais algo como “ela é branquinha assim que nem eu” em contexto semelhante ao relatado. E, se escutar, que possa ter suporte suficiente para encarar tal distorção, ao contrário da minha atitude na época. Chega de ficar calada, né?





Mais Uma História de Amor ou Quase Isso

Parte 1

Estava me recordando de uma história de amor ou quase isso. Ela é engraçada, hoje em dia, mas foi meio sofridinha com um punhado grande de ilusão. Era 2014, meu primeiro dia de matrícula da faculdade. Tudo novo. Pessoas de estilos diferentes, cujos rostos nunca tinha visto antes. Várias carinhas bonitas, mas tiveram duas que me chamaram atenção. Agora, escrevendo, me lembro que essas duas me renderam boas histórias, mas vou contar apenas uma agora, posteriormente, relato a outra. Então, senta que lá vem história.

31

Estávamos na mesma sala para a entrega da documentação. Reparei nele e pensei “nossa, que gatinho!”, vez ou outra olhava para os lados rapidamente e desvirava no mesmo instante com medo dele notar. Nesse primeiro dia, não passou disso. O coração, tadinho, corria mais rápido que Lewis Hamilton³, enquanto que o nervosismo batia no teto.

³ Nascido no Reino Unido, é um dos maiores automobilistas da história da Fórmula 1, ganhador de vários prêmios e responsável por quebrar vários recordes, além de lutar pelo movimento antirracista.

Alguns dias depois, teve a segunda etapa da matrícula. Dessa vez, ele estava sentado no fundo e eu na frente, como é que eu podia olhar? Raramente, eu torcia o pescoço que nem a menina do exorcista, achando que estava sendo super discreta. Mas estava determinada de algo: saber quem era o lindinho.

Houve um momento que começaram a chamar cada pessoa em voz alta pra ir lá conversar com o funcionário. Chegou a vez dele, e não me pergunte como eu consegui ouvir o nome dele, diante do barulho da sala, só sei que escutei. Eu não podia olhar para mim mesma, mas tenho certeza que meus olhos brilhavam, ao mesmo tempo em que eu dava risinhos abafados (mas a vontade mesmo era de gargalhar).

Depois disso, o que fiz? Peguei meu crachá da CIA⁴ e foram intensos *stalks*⁵. Após tanto fuçar os grupos da universidade, encontrei o perfil dele. Descobri que ele era de outro estado e tínhamos um amigo em comum. Passei meses nessa paixão platônica. Percebi que ele participava de muitos grupos LGBTQIA+, mas isso não me deteve. Afinal, ele poderia ser bissexual ou só simpatizante do movimento, não é mesmo?

Depois da matrícula, nunca mais vi esse menino na faculdade, olhava as fotos dele para não perder o costume, mas já estava começando a desistir. Entre conversas com amigas, uma delas conhecia pessoas próximas a ele. Após ela procurar informações, disseram que poderiam fazer a ponte, mas achavam que ele era gay. Eu fiquei triiiste em saber que a chance que antes era de 1, agora era - 1.

⁴ Central Intelligence Agency ou Agência Central de Inteligência, é uma agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos.

⁵ Gíria da internet que se refere ao ato de pesquisar obsessivamente informações no perfil virtual de alguma pessoa.

Depois disso, não é que a pessoa ressurgiu das cinzas? Comecei a ver pelos corredores da faculdade. Sentadinho, com livro na mão. Aí o coraçõzinho dessa que vos fala (ou melhor, escreve) não resistia. Eu já tinha 90% de certeza que não teria chance nenhuma, mas não conseguia entender o porquê de ainda sentir aquilo. Então, um belo dia, doida pra dar um ponto final nisso tudo, e dele saber da minha existência, mandei uma mensagem para a rede social dele. Comecei com um trecho da música *Pra sonhar*, de Marcelo Jeneci:

*“Quando te vi passar fiquei paralisado
Tremi até o chão como um terremoto no Japão
Um vento, um tufão
Uma bateadeira sem botão
Foi assim viu
Me vi na sua mão [...]”*

Ao longo da mensagem, relatei como foi que me interessei por ele e tudo mais. Não é que o menino respondeu? Ele foi tão fofo, disse que da próxima vez que eu o visse, era para falar com ele pois queria me dar um abraço. Eu fiquei radiante. Terminou a mensagem dizendo “sentimento é intuição”. Até hoje não entendi o significado diante do contexto, mas achei massa, conceitual e filosófico.

Poucos dias depois, o universo marcou esse encontro. Era mais um dia de aula, até que o avistei com um grupo de amigos. Fiquei taquicárdica, me tremi feito vara verde, suei que nem cuscuz. Puxei minha amiga que vinha acompanhando todo esse drama de novela mexicana e falei: “vem comigo, é agora!”. Esperei ele se afastar dos amigos, quando passava por nós, chamei-o pelo nome. Ele virou, e parou. Eu acenei com a mão timidamente enquanto falava meu nome e lembrava de onde ele me conhecia, dando um sorriso

amarelo e tentando controlar a respiração, pois parecia que tinha corrido a São Silvestre⁶.

Ele abriu um semblante de quem acabara de se recordar e, em seguida, um sorriso. Aquele sorriso que só tinha visto pelas fotos. Então, ele veio em minha direção e me abraçou, perguntou como eu estava. Eu respondia que nem uma tonta com um sorriso amarelo parecendo que tinha esquecido qual idioma falava. Para ser recíproca, perguntei a ele também. Logo depois, nos despedimos.

Ele seguiu o rumo dele e eu o meu. Não nos vimos mais. Aliás, depois desse encontro, se eu o vi na universidade duas vezes, foi muito. Pelas minhas últimas *stalkeadas*, ele estava em algum tipo de retiro, acho que no Chile, já que ele era envolvido com causas naturais, como o veganismo. Depois disso, meu coração se aquietou... Por ele. Então, fui em busca de novas aventuras, porque sou dessas. Sol em touro, ascendente em leão e lua em escorpião, vou fazer o quê? A culpa é das estr... dos astros!

⁶ A Corrida Internacional de São Silvestre é a corrida mais famosa e tradicional do Brasil, realizada anualmente nas ruas da capital São Paulo e acontece desde 1925.



As Três da Tarde

*“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde,
desde as três eu começarei a ser feliz”⁷”*

Quantas vezes ansiosa,
esperei você chegar?
E quando chegou,
em felicidade me vi transbordar?

Quando você não podia vir
A frustração me dominava
Afinal, meu corpo liberara
Hormônios, neurotransmissores,
gastara ATPs⁸ em vão?
Sem poder aquecer a você
Minha pele, meu coração

35

⁷ Trecho do livro O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry.

⁸ Trifosfato de adenosina ou adenosina trifosfato é uma molécula responsável pelo armazenamento de energia nas células.

Você chegava, ficava e ia embora
Até que um dia você se foi,
E não mais voltou
Um dia não pude mais te encontrar,
na frente do portão
A felicidade das três horas da tarde,
findou-se

Portão
Três da tarde
Espera

Felicidade

Por tão pouco,

você não mais voltou

As três da tarde,
tornou-se outra hora qualquer

A adrenalina e a serotonina,
liberadas à sua espera

Entraram em baixa

Nove da manhã

Quatro da tarde

Ou oito da noite

No tanto fez e no tanto faz

Eu sabia que não mais iria te ver
chegar

Você foi embora e não voltou mais,
para me encontrar

A felicidade por antecipação
na espera de uma hora antes,
foi substituída pela apatia
E sua imagem no portão,
não é mais captada por minhas pupilas
Passou a ser apenas uma lembrança,
de um tempo de calma.

88

Mais Uma História de Amar ou Quase Isso

Parte 2

38

Sonhei essa semana com o meu outro *crush*⁹ e hoje vi lembranças do Facebook, então lembrei que precisava escrever sobre essa história. Naquele dia de matrícula, um outro rapaz me atraiu. Ele era alto, tinha *dreadlocks* e uma barba interessante. Porém o que mais me chamou atenção foi o livro que ele trazia nas mãos, tendo os olhos atentos à leitura. Pensei: “além de gatinho, gosta de ler. Hum, bem interessante!”

Eu estava sentada nas primeiras fileiras da sala e ele estava a algumas cadeiras distante, posicionado ao meu lado direito. Eu dava umas viradas na tentativa de conseguir enxergar o título do livro, porém o mais longe que consegui identificar foi a cor da capa: vermelha. Um vermelho vivo, que eu poderia reconhecer em qualquer outro momento. Por fim, fiz minha matrícula e fui embora. Fim? Não, não. Senta que lá vem história. Mais uma.

⁹ A Corrida Internacional de São Silvestre é a corrida mais famosa e tradicional do Brasil, realizada anualmente nas ruas da capital São Paulo e acontece desde 1925.

No primeiro dia de aula quem estava na minha turma? Sim, ele mesmo! O dono dos *dreads* e do livro da capa vermelha. No primeiro, no segundo, no terceiro e em toda a semana. Nós tínhamos pegado a mesma grade curricular do semestre, ou seja, éramos coleguinhas de turma (muitos risos de nervoso!). O calorzinho no peito só aumentava, porque ele era muito participativo, inteligente e falava super bem. O sapiossexual¹⁰ da pessoa aqui, gritava. A primeira semana de aula foi indo embora, até que no fim da sexta-feira à noite, eu puxei conversa com ele. Não me pergunte o que foi que eu falei, só sei que ele foi muito simpático e conversamos rapidinho. E, óbvio, eu fiquei ainda mais derretida.

Lembra da minha amiga que também tinha contato comum com o outro *crush* da “parte 1”? Pois é, ela começou a andar com o meu *crush* dessa história, que vou chamar de Bob. Eu comentei com essa amiga sobre meu interesse, e ela disse: “ele tá muito arrasado porque terminou um namoro de anos, morava com a mina e tudo, e ela foi pra outro país”. Logicamente, a pessoa aqui percebeu que tinha zero chances, mas o interesse se manteve persistente. Aos poucos, a vida se encarregou de aproximar eu e ele, e, olha, ela caprichou, viu?

Uma bela noite estava eu, cansada depois de um dia cheio, esperando o ônibus para ir para casa. De repente, notei que Bob também estava no ponto da faculdade. Ele me viu e veio em minha direção abrindo um sorriso, meu cansaço foi logo embora. Começamos a conversar até que perguntei qual ônibus ele iria pegar. Advinha? O mesmo que o meu. No mesmo instante, a única reação que tive foi soltar um bom e baiano: “OXE!”. Tentando consertar a cara de espanto, disse em seguida: “que coincidência, né menino?”, dando um sorriso amarelo

¹⁰ O termo remete a uma pessoa que se interesse mais pelo conteúdo intelectual de alguém do que pela aparência física.

enquanto o coração corria aos tropeços. Durante o trajeto do ônibus, conversamos quase uma hora ininterruptamente até que chegou a hora de eu descer, pois eu morava dois pontos antes dele. Sim, morávamos no mesmo bairro e super próximos!

Fomos nos aproximando ao longo do semestre. Nossas conversas eram tão maravilhosas. Eu lambia muito o cérebro dele. Conversávamos sobre tudo: desde a efemeridade da nossa existência até a qualidade duvidosa da comida do restaurante universitário. Um dia, pela tarde, saindo de casa, entrei no ônibus com minha mãe e lá estava ele. Apresentei um ao outro e começamos a conversar. Ele é irritantemente simpático. Depois desse encontro, minha mãe começou a perguntar por ele, imagina de que forma? Hahaha, bem estilo mãe: “cadê aquele rapaz bonito que é seu colega?”. Depois de seis anos, ela ainda pergunta, nem que seja uma vez ao ano.

40 Em uma das noites, que voltávamos juntos, eu não resisti e caí na tentação de me declarar. Mentira, a vontade era essa, mas para parecer descolada e desapegada perguntei com o coração à toda velocidade: “o que você diria se eu dissesse que tô a fim de você?” (Toda vez que me lembro desse episódio eu rio demais). Ele, sempre gentil e simpático, me deu um fora da mesma maneira: “olha, veja bem, eu não tô disponível”, disse depois de ficar alguns segundos paralisado e com os olhos perdidos na traseira do banco da frente. O que eu fiz após isso? Respondi da mesma forma desapegada que perguntei: “ah, tudo bem, te entendo. E aí, o que você achou do texto da aula?”. Enquanto parecia plena, fina e madura, por dentro, meu mundo desmoronava e um nó na garganta crescia. A vontade mesmo era de levantar dali, descer do ônibus, sentar na calçada e chorar.

Continuamos com o vínculo, aquela velha zona de amizade se estabeleceu ou sempre existiu (só não estava nítida para mim). Tem gente que vale a pena ter por perto, então, foi o que aconteceu no caso dele.

Houve uma vez em que ele me chamou para ir assistir a uma peça de teatro, foi uma tarde tão gostosa e leve. No fim, ficamos sentados em uma pracinha enquanto o sol se punha, eu olhava para os olhos dele refletindo a luz solar, e a vontade era de beijá-lo, mas consegui me conter. É uma posição muito difícil essa: você quer ter a pessoa por perto, pois ela tem uma energia ótima, mas, ao mesmo tempo, aquele sentimento não cessa e seu corpo reage, fazendo reviver coisas que não quer.

Meses se passaram e eu comecei a dar um basta nisso: “isso não está me fazendo bem, chega de ficar desejando ele dessa maneira”. A gente se afastou um pouco até porque começamos a pegar disciplinas diferentes. E sabe as nossas conversas no ônibus? Em uma delas ele comentou de um livro, que eu deveria ler, que ia gostar e tinha muito a ver com algumas das coisas que conversávamos. Em um reencontro, ele veio sorrindo e me entregou o livro do qual falara, quando ele foi colocado em minhas mãos, eu gelei. O livro da capa vermelha.

Eu subia e descia com o livro na mochila, pois todo o tempo livre que tinha eu gostaria de ler. No entanto, aconteceu um pequeno acidente: a garrafinha de água que eu levava na mochila abriu e molhou algumas partes do livro. Eu chorei, chorei. Fiquei desesperada, imaginei as mil reações que Bob poderia ter. Me culpei, como aquilo poderia ter acontecido? Costumo ser tão cuidadosa com os livros e logo com aquele isso aconteceu. Passei ferro nas folhas para tentar salvá-las, o estrago ficou um pouco menor, mas não o suficiente para desfazer as marcas. Eu terminei de ler e fiquei com ele algum tempo tentando resolver o que faria: se comprava um novo ou se entregava aquele e esperava ver a reação de Bob. Decidi pela segunda possibilidade.

Chegou o dia de eu devolver o livro. Antes de tirá-lo da mochila comecei a fazer todo o meu discurso orquestrado, à medida que ia finalizando, tirava o livro da mochila tremendo. Bob pegou o livro

e disse: “nossa, você não precisa se preocupar, eu gosto muito disso, porque mostra que você aproveitou o livro. Gosto quando empresto a alguém e a pessoa deixa sua marca”. Sabe quando todas suas expectativas desmoronam em questões de poucos segundos? Pois foi isso o que aconteceu, foi uma mistura de alívio, incredulidade e surpresa. Eu fiquei atônita.

Seguimos nossas vidas. À medida que fomos trilhando nosso curso, nos afastamos. As conversas tantos presenciais quanto online foram ficando menos frequentes. Uma das últimas que tivemos foi um acalanto e revivência do sentimento que tinha por ele, fiquei horas lendo a mesma frase enquanto escutava a música *Anjo* de Saulo Fernandes e chorava. Foi algo tão forte e lindo que ele me disse que rendeu de inspiração para um outro texto.

42 Chegou a hora de eu dizer adeus a qualquer vestígio amoroso, depois dessas crises de choro que tive embaladas por *Anjo*, peguei um pedaço de papel, escrevi o nome de Bob e depois o queimei. Para mim foi uma morte simbólica e energética, já que o fogo transmuta. Depois desse ritual, eu não só virei a página como também fechei o livro. Meu sentimento por ele mudou e hoje ficou apenas a admiração. Há pessoas que passam por nossa vida e a marcam de algum modo. Bob marcou a minha de uma forma muito positiva. Sou grata. Ah, e qual era o livro? *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago.



Você foi Covarde e Eu fui Livre

Você foi covarde

Você foi covarde quando se tornou frio

Quando se distanciou sem nenhuma
responsabilidade afetiva

Aliás, o que é responsabilidade afetiva mesmo?

As pessoas podem até não conhecer o termo,
mas sabem as dores que a sua falta lhes causa

Você foi covarde,
quando não foi honesto comigo,
muito menos consigo mesmo

Você foi covarde,
ao despejar o relacionamento em minhas costas

E quando ele se tornou pesado, o que você fez?

Se omitiu

Se ausentou

Tirou o corpo fora

Deixou o frio tomar conta de onde já foi calor,

Muito calor

Você foi covarde,
ao me ver com esse peso sem nem me ajudar
Você foi covarde,
até quando deixou para eu sozinha decidir sobre nós
Mas será que algum dia houve nós?

Você se acovardou
Se apequenou
Tremeu na base com medo
É difícil se relacionar com uma mulher
dona de si, não é?

Uma mulher que sabe ser
Tempestade, bonança, mar
Cachoeira, jardim, mata
Uma mulher que chove,
em dias ensolarados,
que esfria em dias quentes,
que esquenta em dias frios

Você foi covarde,
quando quis só ter e ver a minha parte boa
Você foi covarde,
quando quis ser cuidado e acolhido,
mas não me ofereceu o mesmo
Você foi covarde,
quando seu ego crescia e era massageado,
enquanto eu lhe tecia elogios
Mas, para mim, o que você dizia?

Você foi covarde e eu fui livre
Livre por ter sabido a hora de levantar voo,
mesmo que parecesse cedo demais
Você foi covarde e eu fui corajosa
Corajosa, não por ter decidido por dois,
mas por mim mesma
E, Sr. Covarde, algo que aprendi
e não abrirei mão nunca mais
é de me colocar em primeiro,
segundo,
e terceiro lugar

Só permanecerei em algo,
quando houver, no mínimo,
reciprocidade e equilíbrio
Antes de te amar,
eu me amo
Antes de te cuidar,
eu me cuido
Por hoje,
eu me basto.



Sou Errada, Sou Errante e Cicatrizada

46

Você me prometeu não soltar minha mão. Você me prometeu dar um jeito na distância entre as nossas cidades. Você prometeu. Você poderia ser uma única pessoa. Mas várias pessoas atravessaram a vida de apenas uma pessoa, fazendo promessas, planos e alimentando o desejo dos passos futuros. Pessoas diferentes, mas com atitudes semelhantes.

Meu primeiro erro foi ser ingênua o suficiente para acreditar em promessas, sobretudo, as alheias. Meu segundo erro foi estar suscetível para deixar você entrar. Meu terceiro erro foi não escutar minha intuição. Meu quarto erro foi não dizer o que queria e deveria dizer nos momentos adequados. Mas, dentre tantos erros, o meu maior acerto foi me permitir errar e poder perceber que me tornei mais forte e pude aprender com tantos erros seguidos.

*“Sou errada, sou errante
Sempre na estrada
Sempre distante
Vou errando enquanto tempo me deixar [...]”¹¹*

¹¹ Trecho da música Nada Sei, do grupo musical Kid Abelha.

Sou errada, sou errante e cicatrizada. Sinto-me mais humana por ter errado, sentido a pressão do ar sobre meu rosto enquanto caía de mais um abismo. Senti o gosto do meu sangue após queda livre algumas vezes, mas pude estancá-lo e acompanhar a cicatrização das feridas. Espero que você não venha mais vestido de promessas, pois, depois de tantos erros que causaram minhas quedas, aprendi a voar.

Então, meu bem, você está preparado para alçar voos junto comigo? Pois voar é liberdade e para que isso aconteça eu só preciso de mim mesma e da ventania existente. Provavelmente, você dirá que eu sou boa demais para você, como você já disse antes, talvez eu seja mesmo. Talvez eu não seja para você e seja boa demais para você. Mas eu tenho a certeza de que sou para mim, e eu jamais me abandonarei.



887

Tornei-me um Linda Kintsugi

Eu costumava frequentar um centro espiritualista e fazer alguns atendimentos lá. Mas, após um relacionamento que me devastou, eu quem tive de ser atendida. Eu sentia necessidade de buscar ajuda desesperadamente, pois não sabia como lidar mais com meus cacos. Eu era um vaso de cerâmica tragicamente estilhaçado.

Alguns dos atendimentos que recebi foram muito marcantes. Dois deles foi com um preto velho e o outro com uma irmã. Essa, bastante ativa nas suas falas, dizia que queria me ver vestida com cores vivas, com um batom na boca (porque ela não considerava meu batom roxo escuro adequado), que eu era jovem demais para estar com uma energia tão densa.

Eu ficava meio incomodada, pensava às vezes: “oxe, eu tenho que sentir o que tenho, me deixa ficar do jeito que sinto vontade”. Hoje entendo e sei o quão importante aquelas palavras foram para mim. Algo que ela disse, e chegou de forma fulminante foi: “você não precisa de muleta”. E bem, acho que não preciso explicar, não é? Espero que reverbere em você como reverberou em mim, sobretudo, se você estiver precisando ler algo assim. No último atendimento, eu apareci com um batom vermelho e sorriso no rosto, e, claro, ela não deixou esse fato passar batido.

Tannina

O preto velho chegou e percebeu o quão frágil e devastada eu estava. Dentre as muitas coisas que disse foi: “veja que você ajuda todo mundo, cuida, mas e você? Em que momento olha pra você mesma?”. Uma lágrima escorria pelo meu rosto enquanto concordava com ele, acrescentei que tinha medo de ser egoísta ou individualista. Pacientemente, ele me respondeu: “Minha filha, às vezes, é necessário sermos egoístas senão nos roubam de nós mesmos. No seu caso, você precisa ser um pouco egoísta. Você precisa se colocar em primeiro lugar. Em segundo lugar (fez uma pausa), vem você novamente. E em terceiro?”, eu respondi: “o outro”. Ele seguiu: “não, em terceiro você também. Só em quarto você coloca o outro”. Eu me senti sendo sacudida pela vida naquele instante, nunca imaginaria escutar algo assim, ainda mais de uma entidade espiritual.

50 Depois de muitas energias de amor próprio que foram emanadas para mim, e de eu mesma me enviar, comecei a praticar esse egoísmo saudável em minha vida. Não que eu tenha acordado um belo dia e todo o amor próprio tenha me banhado e transbordado em meu ser, mas tem sido um processo gostosinho, com vários “autos”: autoamor, autoconhecimento e autocuidado. Sei que o “auto” pode acabar centralizando demais o sujeito, e como não somos uma ilha, discursos como este podem ser perigosos quando você não esquece de se valorizar, ao contrário de mim.

É muito real quando começamos a mergulhar nesse mar profundo de amor próprio, não queremos nunca mais mergulhar em poços rasos. Começamos a trilhar esse caminho de autocuidado e não aceitamos mais pegar o caminho de volta. Ah, e sobre o vaso de porcelana tragicamente estilhaçado? Não joguei nenhum caco fora, juntei todos e fui colando com verniz de ouro. Tornei-me um lindo Kintsugi¹².

¹² É uma técnica muito antiga do Japão que consiste em reparar as peças de cerâmica quebradas com verniz polvilhado de ouro



Eu Flor-de-Mim

Fui sendo cavada mais e mais,
a cada mal-me-quer
Até que o último terminou de me enterrar
Por sorte, destino ou acaso
o que era para ser morte,
tornou-se vida

A terra me adubou,
germinei
e estou reflorescendo,
em mim mesma
Hoje sei o gosto e o abraço,
que a morte pode ter

Mas o que é a vida sem a morte,
e a morte sem a vida?
A Mulher Esqueleto¹³ nos lembra do processo,
vida-morte-vida

¹³ Referência de Clarissa Pinkola Estés no livro *Mulheres que Correm com os Lobos*

Tal como Gil:

*“Tem que morrer pra germinar,
plantar n'algum lugar,
ressuscitar no chão”¹⁴.*

Enquanto não acho outros lugares
para polinizar
Vou plantando em mim mesma
o amor
Vai que um dia,
algum beija-flor não se encanta,
por eu flor-de-mim,
e bebe o meu néctar.

¹⁴ Trecho da música Drão, de Gilberto Gil.



Não me Cabe Ficar em Lugares que não me Cabem

Não me cabe mais tentar,
caber em lugares,
que não me cabem

Cansei de ficar espremida,
apertada, dolorida, sufocada
Em espaços que não são para mim,
que não me confortam,
que não me acalentam,
que me machucam,
que me apertam

O que me cabe é sair desses lugares,
ir em busca de novos
Lugares que me caibam,
me acolham,
me deem espaço,
tenham espaço

Espaços que me deixem à vontade,
não tentem me diminuir
Estou em expansão
O espaço tem que ser grande
ou crescer junto comigo.

887

As Cicatrizes da Mulher Selvagem

Sou composta por cicatrizes dispostas entre minha derme e meu duplo etérico. Cortam meu ser marcando-o em sinais que guardam histórias e memórias. Muitas me dilaceraram, outras apenas brotaram. Mas todas me fortaleceram, de algum modo.

É verdade que já tive vergonha delas, não posso negar. Na verdade, de algumas ainda tenho, mas estou ressignificando-as. Hoje, compreendo que elas me fizeram mais forte. Elas são parte de mim e me fazem recordar que em cada queda, eu consegui me pôr de pé novamente, cuidar da ferida e vê-la cicatrizar.

Em cada tombo, consegui me reequilibrar, nem que fosse com o meu próprio peso, e evitei de ir ao chão bruscamente. Senti. Ah, eu senti. Senti muito. Senti demais os segundos em que cada uma delas me decoraram. Senti a afiada navalha da vida passando sobre mim.

Agora sou decorada.

Ilustrada.

Tatuada.

Cada decoração dessa me faz lembrar que tudo foi necessário, nada foi em vão. Pois, hoje eu só sou eu, pois na minha caminhada tive

Tannina

tombos e quedas que renderam marcas. No entanto, apesar de suas existências, que me compõem, não são elas que me dão a voz, mas eu mesma, tal como canta Emicida:

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes”

Caso contrário, não estaria nem aqui escrevendo. Olho para cada cicatriz e conheço cada história. Há aquelas quase imperceptíveis, outras são bem cravejadas, semelhantes à diamante em um anel. Essas cicatrizes decoram a derme e o etérico de uma mulher que deixou seu lado selvagem florescer. Se libertar.

Pois ser selvagem é pisar com os pés descalços no solo e se cortar com as raízes e galhos secos das árvores. Ser selvagem é subir nas árvores e se jogar de cima delas em encontro ao chão. Ser selvagem é se atirar do abismo de uma cachoeira e mergulhar em suas águas gélidas. Ser selvagem é se deixar despir entre as paisagens verdejantes. Ser selvagem é se desnudar. É se permitir às quedas, aos abismos, às feridas e às cicatrizes.

É se ferir

É se cicatrizar.

Ser mulher selvagem é poder olhar para suas marcas e se conectar, se acolher, e dizer: eu posso falar. Ser mulher selvagem é correr em direção aos braços da liberdade. Ser mulher selvagem é correr com os lobos¹⁵.

¹⁵ Referência à Clarissa Pinkola Estés e seu livro *Mulheres que correm com os lobos*.



Complementaridade

Sutileza e intensidade habitam o mesmo ser
Ambivalência entre caos e pacificidade se faz renascer
Numa tentativa de harmonia e equilíbrio
Ao mesmo tempo em que desvendo os mistérios dessa terra
Mais enigmática ela se torna

57

Sobrevoou pelo mundo
Abraçou as árvores
Escuto as companheiras
Deixo-me ser banhada pelo sol
Lavada pela água da chuva
Purificada pelo mar
Acariciada pelo vento
Aterro-me sobre meus próprios pés
Numa tentativa de autodescobrimento

Colonizadora não sou
Nem exploradora
Tenho me tornado
Escritora dos meus sentimentos
Problematizadora dos meus pensamentos
Desvendadora dos meus comportamentos
Conquistadora dos meus planejamentos

Vou descobrindo o mundo
Da terra
Do fogo
Do ar
Da água

58

O mundo misterioso
O meu mundo
O mundo do outro
O mundo único
O mundo desnudo
Os mundos conectados ao meu

A rigidez do touro provoca o rugir do leão
A vooz de gêmeos faz surgir
A intensidade do escorpião
Tudo isso caoticamente interconectado
Num só ser

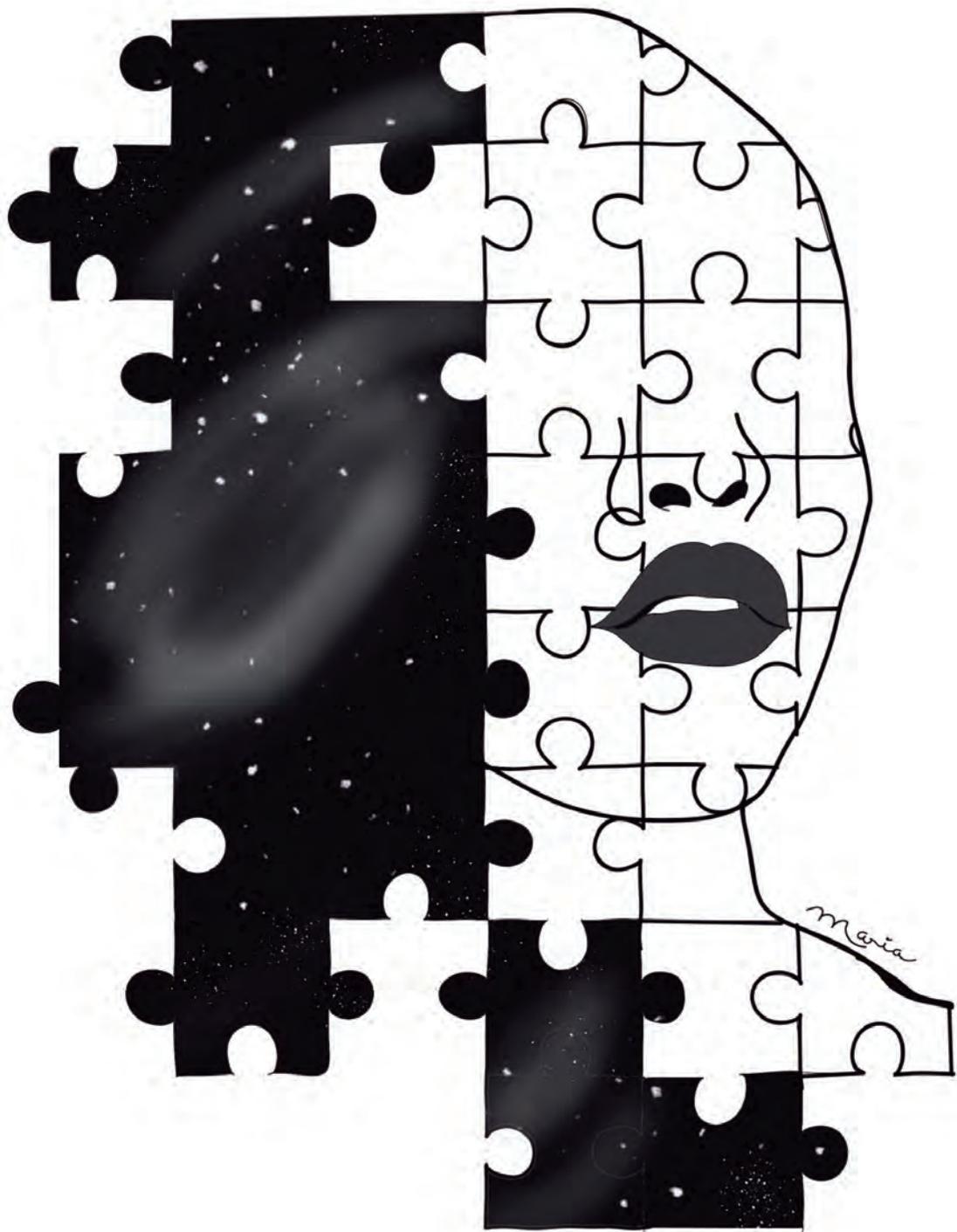
Faz pulsar o coração

Corpo, mente e alma

Unidos

Complementares

Numa terra que ainda está sendo desvendada.





Os Olhos não são só a Janela da Alma

Costumam dizer que os olhos,
são a janela da alma
Ouso dizer que são mais,
eles são a boca, a porta, a ponte

Os olhos são boca,
eles falam, expressam,
xingam, riem, encantam
Dizem “eu te amo”,
dizem “eu tô com raiva de você”

Apaixonam-se,
pelos olhos de outrem
ou pela própria alma
Não precisa pular a janela,
para acessar a alma
Os olhos são porta

Você pode encontrá-la escancarada
A depender da casa,
onde os olhos fazem morada

Os olhos são a ponte,
entre a alma e o mundo físico,
os olhos veem,
não apenas esse poema,
mas também as dores
e as delícias de sua alma

Não sabe de que olhos estou falando?
Estou falando dessas duas bolinhas,
protegidas pelas caixas,
enfeitadas de pelinhos,
uma de cada lado do rosto

Mas dizem os sábios,
que há um outro olho,
invisível a olho nu
O terceiro olho

Ele é mais do que a ponte,
é o navio e o farol
Carregado de informações,
leva e traz tudo
Se não surgir monstros dos mares,
piratas,
tempestades,
neblinas

Por ser farol pode o mar
Alumiar
Nortear
Avisar

Os olhos são a janela,
a boca,
a porta,
o navio,
o farol,
o corpo

O nosso corpo fala,
para dentro,
para fora desse mar
Até no desvio do olhar,
pode-se muito revelar.



Não Corte a sua Juba

Em um momento de desespero e desejo visceral de querer mudar uma característica muito sua por medo do que o outro pode achar, quantas vezes você já disse para si mesma: “eu tenho que parar de ser assim”, “eu tenho que mudar isso senão todo mundo vai embora”, “eu tenho que deixar isso de lado porque ninguém vai gostar de mim”?

64 É claro que estamos vivendo para mudar, evoluir, desconstruir, ponderar, ir embora e ficar. No entanto, há características nossas que são essenciais para sermos quem somos, mesmo elas não sendo propícias em alguns momentos, matá-las não é a solução. Imagine o leão sem a sua juba.

Eu e minha intensidade é um exemplo disso. Sou devota às pessoas, aos amores, aos sonhos. Quando inicio algo, mergulho de cabeça e sinto. Sinto como se minha existência dependesse daquilo. Entretanto, quando as coisas fogem do controle, eu tendo a fazer o quê? A pegar um chicotinho psicológico e lançá-lo contra minhas próprias costas: “nossa, você foi trouxe mais uma vez”, “será que nunca vai aprender com os erros?”, “mais uma vez, me entreguei muito rápido”. A questão é a seguinte: não fui trouxe, não foi um erro, não foi rápido demais. Eu fui quem sou, quem me permiti a viver e no tempo do aqui-agora.

Sem controle, sim. Você acha que tem controle sobre as coisas, sobre sua vida e sobre as pessoas? Senta aqui e deixa eu te contar: não temos controle algum de nada. Já achei muito que eu pudesse manter as coisas sob controle, às vezes me pego nessa autossabotagem, mas, olha, isso é uma cilada criada por nós mesmas, talvez uma estratégia de sobrevivência, vai saber...

Mas agora eu estou em processo de não mais condenar, matar ou maltratar minha intensidade. É um perfil meu, presente até no mapa astral. Não vou lutar contra os astros, não é mesmo? Estou aprendendo a conviver com minha intensidade e vou te contar que quando começamos a mudar nossa percepção emocional, nosso corpo também inicia sua transformação. Comecei a pegar essa intensidade e lançá-la mais para dentro: mais amor-próprio, mais autocuidado, mais autoconhecimento, mais respeito.

Quero chorar? Me afogo em lágrimas! No outro dia já amanheço melhor. Quero sorrir? Fico sem ar com a gargalhada estrondosa! Me sinto mais leve. Se eu posso orientar algo, é: não corte a juba do leão. Não corte de sua vida aquele traço tão característico seu. Quem já assistiu ao filme Nárnia (2005) sabe que cortar a juba de Aslan é um símbolo de retirada do seu poder e grandiosidade. Portanto, não corte a sua juba, você é muito mais poderosa e grandiosa com ela.

“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”, termino com essa frase da honrosa Clarice Lispector, que um dia foi recordada por minha amiga Manuela Prado.



As Vezes a Vida é um Pote de Açúcar ou uma Colher Açucarada

66

Em mais um dia de cuidado com a pele, juntei os ingredientes da cozinha para fazer minha esfoliação natural. Animação ok, planejamento ok, café ok, açúcar... Plaft! Enquanto me esticava para pegar o pote de açúcar, outra vasilha tombou nele. O reflexo não foi suficiente para pegá-lo antes de ir ao encontro do chão. Pensei: “era só pra pegar uma colherzinha de açúcar, poxa... E agora tem menos um pote de vidro na casa, e uma sujeirada no chão”. Tive que varrer e passar pano. Açúcar e vidros misturados, duas coisas que, sozinhas, já não são fáceis para limpar. Me abalei, mas não o suficiente para desistir de minha programação. Limpei tudo e fui para meu momento de esfoliação, que seguiu o resto previsto.

Dias depois, um técnico de informática veio fazer uma visita e lhe ofereci um cafezinho:

- Com açúcar ou adoçante? Perguntei.

Ele optou pelo açúcar. Ao dar o primeiro gole perguntou qual era o tipo, eu respondi que era demerara.

Em seguida, ele me disse:

- Nossa, lembrei de minha vó. Ela usava esse mesmo açúcar, dando um suspiro de deleite.

Um silêncio pairou no ar e eu disse:

- Interessante como alimentos e bebidas podem nos trazer afetos, né?

Ele deu um sorriso de acordo e acrescentou:

- Verdade, tô aqui até agora lembrando dela.

A avó dele já não estava mais nesse plano. Seguimos numa conversa em cujas memórias familiares foram surgindo com constância. Nos despedimos e lembrei do episódio do pote de açúcar de dias atrás. Bem, às vezes a vida é um pote de açúcar ou colher açucarada, do mesmo elemento podem surgir situações diferentes. Pode ser doce e terminar em estrago; pode ser doce e nos açucarar com boas memórias afetivas. Às vezes, o estrago pode estar no abalo físico, em outras, na dose.



Sinto um Vazio. Você Também Sente?

68

Ao mesmo tempo que sinto uma enorme vontade de fazer mil coisas, desejo ficar somente estirada na cama, com as mãos entrelaçadas sobre a barriga voltada para cima. Nesses instantes de total introspecção percebo o quão profunda uma pessoa pode ser. Calmaria e vulcão habitam o mesmo ser em intervalos de tempo idênticos.

Tão importante quanto o autoconhecimento é o autodesconhecimento. O autodesconhecimento é uma dádiva. Sério. A gente só passa a conhecer algo ou alguém quando nos permitimos a perceber o quão aquela coisa, aquele ser são estranhos, desconhecidos. A nossa percepção sobre o desconhecido é uma evolução, ou talvez, uma revolução. Na verdade, faz parte da evolução e culmina na revolução. Ou seria ao contrário?

Evolução, porque desde pequeninas somos levadas à falaciosa ideia de que devemos saber e conhecer tudo, sobretudo, quando nos tornarmos adultas. Mas é claro que não. Quem é que já viveu ou morreu para saber sobre tudo? Não existe esse ser humano, por mais genial que fosse: Cleópatra, Sócrates, Da Vinci, Frida, Machado de Assis, Einstein, Marie Curie, Foucault, Beauvoir... Com todo o respeito a essas grandes personalidades, mas vocês morreram sabendo de nada. Aliás, Sócrates já dizia: “só sei que nada sei”.

Tannina

A evolução humana perpassa pelas refutações e aprimoramentos de ideias e conceitos. A evolução espiritual acontece quando nossa perspectiva de mundo é permitir reconhecer que o nosso desconhecimento não é crime, mas uma dádiva para explorarmos as potencialidades do mundo de forma harmônica. Acima de tudo, compreender que a vida é um mistério tal como a morte, e, assim, sendo gratas por podermos trocar energias com tal desconhecido e termos experiências com o autodesconhecimento, o qual é uma revolução. Sim, revolução.

Quantas vezes você já não cortou, pintou, alongou, alisou, enrolou, raspou o seu cabelo em busca de uma mudança, cujo surgimento se deu no momento em que você olhou para o espelho e se reconheceu? Talvez, inúmeras vezes, ou algumas, ou poucas, ou nenhuma. E se você se enquadra no grupo “nenhuma”, digo uma coisa: continue assim, se você se sente bem e feliz. Aliás, vou reformular minha oração, desenquadrando-a: e se você se identifica com o grupo “nenhuma”, continue assim, se você se sente bem e feliz.

A revolução é um movimento que não tem uma linearidade. Ela é circular, pode começar de dentro para fora ou de fora para dentro, o seu início pode ser o fim do de outra pessoa. Independentemente de crença religiosa, idade cronológica, gênero, sexualidade. A sua causa é o tempo. Não o tempo do ponteiro. É o tempo abstrato, cuja existência é inodora, incolor e insípida. Porém perceptível e inerente a qualquer vida. É esse tempo que provoca a nossa revolução de sujeito, que nos faz identificar com determinada religião, gênero, sexualidade, e que vai deixando marcas de sua passagem na nossa epiderme.

Eu não sei o quão evoluídas e revolucionárias podemos ser, mas eu acho uma delícia isso de não saber tudo, apesar de toda turbulência causada na complexidade existencial do meu ser. Vamos saber lidar com isso completamente? Não. Mas a vida é uma oportunidade

para continuarmos nas infinitas tentativas, sucedidas de frustrações e felicidades. Só não podemos desistir de procurar o autodesconhecimento, pois só a partir dele que poderemos passar a conhecer (um pouco) nós mesmas, as pessoas e o mundo.

E como já dizia Guimarães Rosa:

“a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza...”.



maria



88

Eu não Quero Voltar ao Normal

72

Acordei às 8:35h de uma terça-feira. Sinto meu corpo acordando junto comigo. Espreguiço-me e vou levantando devagarzinho. Alongo-me. Abro a cortina, a janela e recebo a doçura da brisa matinal. Céu azul. Reflexo do sol dourando as folhas das árvores.

Reflito. Pós-pandemia, eu não quero voltar para o que era antes. Não quero mais acordar às 5h ou 7h sobressaltada, pois não posso perder nenhum minuto e, se não acordei antes, foi porque dormi tarde na noite passada resolvendo alguma demanda. Então, cada 5 minutos de sono a mais são cruciais.

Eu não quero mais arrumar a cama às pressas, assim como tomar banho, me vestir, comer, escovar os dentes, pegar a mochila e sair. Não escuto música, não ligo TV nem rádio. O som que sintoniza em minha mente é o das coisas que tenho que fazer no dia. Eu não quero mais sair de casa sem olhar o céu e agradecê-lo ou só olhá-lo para saber se devo levar o guarda-chuva. Eu não quero mais me sentir tão cansada como as pessoas que se espremem dentro de um ônibus lotado (em uma versão contemporânea do navio negreiro), pois elas não têm tempo para esperar o próximo ônibus que, geralmente, vem mais vazio.

Tannina

Eu não quero mais ter que correr atrás de ônibus como se minha vida dependesse disso. Eu não quero mais escutar música no fone de ouvido só para passar o tempo, ou não escutar os papos alheios, ou evitar a chegada de mais um vendedor ambulante: “desculpe incomodar o silêncio da viagem de vocês...”, denunciando o índice exponencial de desemprego. Eu não quero mais chegar na faculdade e ter vontade de ir embora na mesma hora, de mentalmente revirar os olhos ao olhar para algumas colegas ou de me sentir de saco cheio com o discurso de certas professoras.

Eu não quero mais esquecer de mim o dia inteirinho, de não prestar atenção na minha respiração ou só prestar quando tento controlar minha ansiedade. Não quero mais chorar sozinha no banheiro da faculdade ou nos ombros de minhas amigas por não tirar a nota que desejo, de me sentir burra ou fracassada. Eu não quero mais me sentir como se estivesse no piloto automático, fazer as coisas só por obrigação sem um pingo de paixão. Eu não quero me sentir desmotivada no início do semestre e uma zumbi no final.

Pós-pandemia eu quero estar viva e me sentir viva. Quero me sentir. Quero sentir a vida e poder florescer minhas outras habilidades. Sou mais do que a faculdade demanda de mim. Não é uma promessa, é um desejo, que espero poder colocar em prática. No meio de tantos desastres presentes nessa pandemia, eu pude acessar elementos que estavam há muito tempo escondidos em mim. Não sei vocês, mas espero que, assim como eu, não queiram voltar ao normal, pois sabemos que o normal não estava sendo saudável.

887

Tela Fria

74

Mandar emoji de risada não significa que você realmente riu, ou postar foto sorrindo não quer dizer que você está feliz. Se relacionar separadas por uma tela tem salvado muitas pessoas e aproximado umas com as outras. Contudo, qual o limite disso? Qual a profundidade e intensidade dessas proximidades? Por quanto tempo somos capazes de nos relacionar por meio de telas frias? E qual o limite entre estar feliz e performatizar felicidade?

Diante dessa sociedade que enaltece a felicidade e exige isso de nós, às vezes me sinto com vergonha de admitir sentimentos contrários a esse. Você também? Mas preciso dizer: há dias que estou triste e desanimada. Às vezes me sinto sozinha, mesmo estando com tantas pessoas à distância de um clique. Há pessoas que parecem estar bem e felizes o tempo todo, mas isso é algo espontâneo ou uma estratégia para não olhar para a própria dor? E como lidamos com a nossa dor? Tenho mais perguntas do que respostas, se você souber, me diz.

Tannina



A Importância de Romantizar o Cuidado e o Descanso

Dentre as bruscas mudanças que sofremos na pandemia, trazer o trabalho e a faculdade para dentro de casa foi umas delas, o que afetou a noção de tempo-espaço. Quantas vezes você foi até às 22h resolvendo demandas sendo que seu expediente era até às 17h? Em quantos momentos você emendou dias úteis, fim de semana e feriado com trabalhos da faculdade por medo de deixar matéria acumulada?

75

Muitas de nós esqueceram quando e onde começa o descanso e termina o trabalho. Muitas de nós estão sobrecarregadas e, por estarem sobrecarregadas, se sentem ansiosas, e por se sentirem ansiosas, acham que devem fazer algo imediato senão não será produtivo. Assim, muitas de nós caminham pela linha tênue entre produtividade e produtivismo.

O sistema neoliberal cristalizou o pensamento de que, se não fizermos algo que não dê retorno imediato, não gere lucro ou status quo, não é produtivo; de que poder descansar e se cuidar não é produtivo. Mas, veja também, foi o capitalismo que criou os fins de semana e as folgas, e, nem deles, muitas de nós, conseguimos mais aproveitar. Então, preciso afirmar: o capitalismo deu muito certo e, sobretudo, o neoliberalismo.

Estamos em um movimento de desromantizar várias práticas e conceitos, o que é muito necessário, mas aqui defendo a ideia de romantizar a importância do cuidado e descanso. É cansativo chegar aos finais de semana e ver colegas nos grupos discutindo sobre demandas universitárias. Já não basta estarmos em uma pandemia, em um semestre remoto, as pessoas não conseguem nem pôr limites entre casa e faculdade, descanso e demandas.

Não encham de notificações os grupos de trabalhos com assuntos que são adiáveis. Se é difícil lidar com sua ansiedade, talvez também seja difícil para o colega lidar com a dele ao ver várias notificações na tela inicial do aplicativo de mensagens, mesmo com o grupo silenciado. É chato e desagradável. Não façam isso. E, se você faz, por favor, evite! Não sabe o que fazer? Vou deixar uma lista de coisas que você pode fazer em casa, respeitando as normas sanitárias, e que promovem o autocuidado.

76

Respirar conscientemente, meditar, fazer exercícios físicos, ler livro de ficção, se masturbar, beber água, se alongar, assistir filmes/séries, escrever desabafos, cuidar das plantas e/ou dos pets, hidratar a pele e o cabelo, dançar, desenhar, cozinhar, se amar e não fazer nada.



88

Não Vamos Recuar, Nem um Passo Atrás

Há séculos nosso povo luta,
pelo direito de viver,
numa corda bamba
A corda diversas vezes rompeu,
pro nosso lado

Algumas caíram e no chão ficaram,
outras caíram e levantaram,
mas não fomos derrotadas

Resistimos
Mais de séculos resistindo ao genocídio,
do colonizador, do rei,
do príncipe, do imperador
Do caralho a quatro
Agora resistimos ao Estado

Oceano apontado para nós,
navio apontado para nós,
Fome
Pelourinho
Chibata
Estupro
Maus-tratos
Bala apontada para nós,
corona apontado para nós

2020

Não sabemos se morremos,
de tiro ou covid
Se ficamos em casa,
ou damos a cara à tapa
Temos um verme no poder,
dando aval para nosso corpo
como alvo permanecer

O fascismo em ascensão,
mostra sua cara mais feia
A tensão torna-se mais estreita
Está polarizado,
desça do muro,
escolha seu lado,
mas veja para onde o fuzil está apontado
para não atirar no próprio pé

Tá ligado como aqui é?
Miliciano é presidente,
fascista é cidadão de bem,
trabalhador é vagabundo,
estudante é plantador de fumo

Podem tentar arruinar
o nosso mundo
Mas a cada preto que morre,
pelas mãos do Estado,
uma legião se junta ao nosso legado

Não vão nos calar,
o povo preto vai se manter aquilombado
Como dizem por aí:
“Tentaram nos enterrar,
mal sabiam que éramos sementes”
Nem um passo atrás,
sigamos em frente.



Memória Ancestral

Memória ancestral é quando você não sabe de onde vem, do que e para que o pulsar que surge ao escutar a batida de um tambor, pandeiro, berimbau. Você só sente. Seu corpo pulsa, e mesmo que você não leve jeito com a dança, seus membros criam vida própria e te conduzem. Ou seriam as ancestrais que guiam seus membros?

No sussurrar de um samba de roda ou nos resquícios sonoros de um afoxé ou no soprar do vento de uma roda de capoeira, você é conduzida por metros até alcançar o útero daqueles cânticos. Os sintomas são da paixão: a pupila dilata, o coração acelera, o estômago revira e a respiração encurta. Quase uma crise de ansiedade, mas sua origem vem de séculos e o efeito é o deleite liberado em forma de endorfina. O corpo agradece e a alma também.

82

Carta para as Pretas Velhas

Irará, Bahia, 22 de setembro de 2020

Minhas amadas pretas velhas,

82 Na sexta, dia 18, eu assisti apresentações em que falava um pouco de vocês. Sabe o que eu senti? Senti a ancestralidade se mostrando para mim entre o cântico de Naylana e as palavras soltas ao vento formando um lindo redemoinho e reverberando em mim através da aparição de Midhi. Ambas ligadas pela Paixão, mãe e filha, interconectadas com os poderes do nosso povo. Entre beleza e potencialidade, apontou-se também uma realidade que acomete as pessoas negras, sobretudo as velhas, um acúmulo de exclusão, racismo e solidão. Essa solidão que acomete as pretas desde cedo.

Ah, minhas pretas velhas, eu queria poder abraçá-las e poder dizer que o amor é para vocês, é para todas nós. Uma vida toda o afeto sendo negado para vocês, dói né? Eu não sei, mas posso imaginar. Não que o amor tenha se apresentado para mim desde sempre, e falo aqui do amor-próprio (ou amor interno, para citar bell hooks), mas porque eu só tenho 24 anos, um terço da idade de vocês. Mas nunca é tarde para amar, se amar. E, para ser sincera, fico feliz em poder dizer isso para vocês, pois o amor se apresentou mais cedo para mim e acho que para a maioria das companheiras de minha faixa etária. Espero que quando chegarmos na idade de vocês não estejamos tão calejadas.

Tannina

Temos lutado tanto, desde tanto tempo. As senhoras abriram passagem na mata escura para suas netas atravessarem e somos gratas. Mas, ainda assim, mesmo depois de tanta labuta, a alma chora algumas vezes, né? Assim como nunca é tarde para encontrar o amor, não é tarde para abraçar a liberdade e voar junto com ela por aí. Tenta não ver a velhice como uma outra prisão, mas como uma oportunidade de fazer aquilo que nunca fez antes, que nunca teve coragem, ou que nunca te deixaram fazer.

A Midhi Paixão disse que para ela a velhice é tempo de viajar: “me dá liberdade, oportunidade de fazer o que não podia quando mais jovem... Eu não fico lembrando da idade, me lembro de viver”. Reafirmo, as senhoras não devem mais nada a ninguém, a sociedade é que tem que reverenciar vocês por tudo que fizeram. Não deixem que os mais novos lhes rotulem, nem que as doenças lhes aprisionem, vocês são maiores do que imaginam.

Cuidem-se da covid, mas se convidem para uma festa particular com você e você mesma. Olhem-se no espelho, não tenham vergonha de suas rugas, elas são registros do tempo tal como o vento esculpe as rochas formando lindas montanhas. A pele tá flácida? As senhoras já repararam como funciona seu jardim? É assim mesmo, a natureza tem seu processo, ritmo tal como vocês, até porque as senhoras também são natureza. E a natureza é vida-morte-vida, é poder ver beleza no seu ciclo.

Para Alexandre Silva, “envelhecer é superar as violências”, e preciso dizer que concordo, até porque, nascer preta no Brasil é ter certeza que o racismo vai nos encontrar de alguma forma, mesmo que ele não pareça ser racismo. Mas estou aqui para dizer: as senhoras são belas, já foram e sempre serão, até quando virarem composto para o solo, pois ficarão vivas nas lembranças de quem lhes admira e ama, além de deixarem seus legados, nem que seja com aquela receita de bolo de puba ou na forma que esfregam os pés da neta na hora do banho.

Com carinho e amor da jovem preta,

Carla Brito.



Sobre Resistência, Reverência, Cuidado e Amor

Resisto,
resistimos,
resistir!

84

Verbo cada vez mais falado,
mais necessário,
mas estar com a guarda levantada
o tempo todo,
cansa pra você também?

Resistir ou viver?
Viver resistindo?
Resistir vivendo?

Nas lutas diárias,
mesmo que faladas,
e não armadas,

me sinto sugada
Não sempre,
mas têm horas que o corpo pede
pra baixar a guarda

Aliás, recolher-se para se acolher
também é uma forma de luta
Afinal, só podemos lutar se estivermos
vivos!
Precisamos de nossas lideranças
vivas!

Tentam nos matar
de diversas formas,
pela boca,
pela bala,
pele
mente
alma!

Precisamos nos cuidar
O cuidado é revolucionário,
assim como o amor-próprio

Por hoje, só preciso regressar
para me resgatar,
reverenciar quem abriu
passagem na mata,
para a gente passar

No gingado da capoeira
uma estratégia surgiu,
para se esquivar das chibatas
e da Casa-Grande

Na manipulação de ervas,
no som do atabaque,
no suor,
no sangue derramado

Que hoje nossa estratégia
também seja o cuidado,
o cuidado consigo,
o cuidado com o outro

Que no vermelho
do sangue derramado,
corra também o vermelho
do amor reinventado!



Uma Reverência às Minhas Ancestrais e um Chamamento às Minhas Amigas Pretas

Quem vos fala é essa jovem mulher de 24 anos que no meio de uma pandemia resolveu resgatar coisas, como mais uma forma de sobrevivência e cuidado com sua saúde integral. Decidi resgatar minha ancestralidade, que dentre muitos símbolos, remete à conexão entre a minha natureza interna e externa. É a busca pela sintonia entre a tríade corpo, mente e espírito.

87

Fazer esse resgate é abraçar e escutar novamente minhas ancestrais. É conhecer minha vó Maria Teodora através da energia sutil, visto que quando nasci ela já havia partido. É respeitar a história dela, a história de minha bisá (indígena brutalmente pega na mata) e a história das que vieram antes delas. Mulheres de maioria indígena e preta.

Nesse mergulho, cada vez mais interno, cujo movimento deruba o véu que embaçava minha visão, começo a ver elementos que acalentam a alma, dão aquele abraço quentinho que tanto faz falta nesse cenário sinistro. Mas, ao mesmo tempo, lançar luz às sombras pode fazer com que você veja coisas com as quais não gostaria de se deparar. Se assim for, peça ajuda. Se possível, de uma psicóloga.

Tannina

Nesse movimento, olho para o mar e vejo ondas majoritariamente brancas. Um novo que fala do antigo. Lembro aqui do modo de vida das indígenas: conexão total com a mãe natureza, povos que resistem até hoje por suas terras e tradições. Recordo-me de religiões que têm grande vínculo com a natureza, mas que são pouco valorizadas, tal como o candomblé, que traz consigo conhecimento milenar. Nossas ancestrais de cor tocavam tambores e manipulavam ervas com tanta destreza, mas por onde andam as suas netas? Vejo eu e algumas poucas nesse meio, enquanto a onda branca inunda o mar ancestral.

Não aponto aqui para o sujeito, mas para a estrutura. Pois, infelizmente, muitas das minhas estão tão preocupadas em se manterem vivas, visíveis socialmente e cheias de demandas, que a retomada à ancestralidade se torna uma necessidade terciária, quando não fútil. Algo perceptível em conversas com amigas pretas que, em algum momento, já disseram algo como “sem tempo para ser good vibes”. Dói escutar isso, mas eu realmente entendo.

Entendo todas as mulheres, independentemente da raça e classe, que estão de volta ao caminho de sua ancestralidade, do ser mulher, pois o patriarcado tentou matar e, matou, muitas nas fogueiras construídas pelo homem branco, que com sua ignorância mal sabiam que o fogo transmuta. Assim, aquelas bruxas renasceram em outros corpos.

Entendo mais ainda as mulheres pretas, como as minhas amigas, que se recusam a pintar essa onda com outras cores. Mas hoje estou aqui para chamar vocês. Repensem, reflitam, escutem e se conectem consigo mesmas e com a jovem, a mãe e a velha que habitam em cada uma. Todas sábias. Muitas das nossas driblaram a chibata e o pelourinho usando seus recursos mágicos. Muitas das nossas se lançaram na mata escura e viram uma nova chance de reexistir.

O autoconhecimento também é resistência. Salva. Cura. Peguem as ferramentas com as quais vocês já lutam contra o racismo e o patriarcado e se permitam mergulhar em si mesmas. Não se sintam menos integradas por não conseguirem tirar foto conceitual ou viajarem para o Nepal, pois o principal recurso é a abertura consigo mesma.

Portanto, faço um chamamento a você, amiga preta, para conhecer mais sobre sua ancestralidade e se autoconhecer. Vamos reinventar e resgatar nossas formas de lutar. Por fim, reverencio e agradeço às mulheres indígenas e às pretas que continuam a lutar pelo nosso poder de existir e preservar o sagrado.

887

Para não me Esquecer de
Onde eu Vim, Antes
Mesmo de Eu Nascer

90

No *AmarElo* de cada dia, há bastante tempo, “a gente combinamos de não morrer”, pois “bom mesmo é estar debaixo d’água”. Em meio a essas referências que tanto me fortalecem em contexto pandêmico, Emicida, Luedji Luna e Conceição Evaristo, escrevo esse texto para me despedir de vocês. Mas mais para me despedir do meu eu nesse meu primeiro livro parido.

Entre o “tudo é pra ontem” e o “calma, vai devagar” eu pude perceber que o que nos liga uns aos outros é o nosso plantio e a colheita que partilhamos, pois “viver é partir, voltar e repartir”, como bem lembra Emicida. Quem veio antes de mim não tinha muito tempo para pensar, esperar para ver e para viver. Se queria galgar algo, tinha que ser pra ontem. Assim, surgiram os quilombos, as rodas de capoeira, o samba, os movimentos sociais, as rinhas de MC’s e tantas outras formas de existir, de se aquilombar, e jogar para fora todas as opressões que atravessaram o povo preto através de expressões culturais, artísticas e de luta. Muitas opressões foram ressignificadas em expressões de resistência.

Tannina

O povo preto resistiu e continua resistindo e, quando digo que escrever é uma forma de perpetuar o legado de minhas ancestrais é por isso. Escrever é uma forma de existir. Escrever é uma forma de resistir. Escrever é ato político. Escrever é luta. Por isso, escrevo. Escrevo para não me esquecer de onde eu vim, antes mesmo de nascer.

E claro, não poderia deixar de citar Grada Kilomba:

“Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história.”¹⁶

Por isso, a escrevivência. Por isso, o “entre escrevivências e poesias”, pois no meio da resistência, da luta, do meu lado mais selvagem, eu vejo poesia, escuto poesia, escrevo poesia e consigo ser a própria poesia. Elas se unem, se misturam e, na maioria das vezes, se confundem. Não sei onde começa uma e termina a outra. Mas isso pouco importa, pois elas falam de afetos e sentimentos. Elas são afetos e sentimentos. “Bom mesmo é estar debaixo d’água”¹⁷, pois bom mesmo é estar imersa nesses afetos e sentimentos. Bom mesmo é mergulhar, se inundar em si própria:

*“[...] Há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.”¹⁸
Conceição Evaristo*

¹⁶ Trecho do livro *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba (2019).

¹⁷ Título da música de Luedji Luna, 2020.

¹⁸ Trecho de *Da calma e do Silêncio*, Conceição Evaristo (2008).

Já falaram demais por mim e me escutaram de menos. Hoje, consigo entre sussurros e gritos, entre linhas e versos, entre palavras e prosas, falar por mim mesma. Bater o pé firme no chão ou na porta para abri-la quando as durezas da vida tentam me aprisionar novamente, pois, quando experimentamos o gosto da liberdade, nem que seja ínfima, não queremos mais voltar para a gaiola. Afinal, se tenho o céu inteiro para viver, por que irei me contentar com uma existência reduzida?

Este livro é composto nos tipos Amsterdam e Minion Pro em corpo 11/16, com impressão em março de 2021



ISBN: 978-65-86319-15-6



"O livro nos convida a mergulhar numa experiência de tempo onde presente e passado conversam e tecem futuro. Através da coragem de Carla Brito, de assumir-se como porta-voz de si mesma e tomar-se como solo fértil para escrever a própria história, Taunina amorosamente nos convida a encontrar as múltiplas vozes, lágrimas e gargalhadas que compõe o texto e que comparecerão durante a leitura [...] Por isso, à você que tem este livro em mãos, recomendo permitir-se um encontro genuíno com o mesmo; recomendo tomá-lo não como um objeto de leitura, mas como um sujeito cujo encontro (diálogo a partir da leitura) possibilita a afirmação da humanidade de quem o escreveu e de quem o ler."

*Deane Barbosa de Jesus
Intelectual Negra, Psicóloga e Pesquisadora.*

Esta publicação tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal

APOIO FINANCEIRO:

SECRETARIA
DE CULTURASECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURAMINISTÉRIO DO
TURISMO